

## ENTREVISTA COM OSCAR NAKASATO

Oscar Fussato Nakasato é Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É graduado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (1988), Mestre em Letras (1995) e Doutor em Letras também pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho(2002). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Ganhou o Prêmio Benvirá de Literatura em 2011 com seu romance “Nihonjin”, que narra a história de Hideo Inabata, um imigrante japonês que veio estabelecer-se no Brasil, e sua família. O romance também recebeu o Prêmio Jabuti 2012.

**RD - Com frequência vemos pessoas que tendem a confundir o narrador em primeira pessoa com o autor. No livro “Nihonjin”, escrito por um descendente de japoneses e cuja narrativa se desenrola do ponto de vista do neto de um imigrante japonês, é comum que as pessoas pensem que se trata de uma autobiografia. Embora isto não corresponda à realidade – pois seria uma autobiografia propriamente dita e não um romance – a obra é escrita a partir da visão de mundo, da experiência e das ideias do escritor. O que há do autor Nakasato no narrador de “Nihonjin”?**

Oscar Nakasato – É necessário partirmos de um fato: *Nihonjin* é um obra de ficção. Há que se lembrar, entretanto, que a ficção é uma “transposição do real para o ilusório”, como nos ensinou Antonio Candido. Para escrever o romance, realizei pesquisas em livros de Antropologia, Sociologia e História, o que me conduziu, aliás, a um autoconhecimento. A história da imigração japonesa no Brasil é um pouco a história de cada nipo-brasileiro. E se *Nihonjin* conta a história de uma família de imigrantes, é claro que estou presente no romance de alguma forma. Mais efetivamente, há passagens em que transformo em ficção lembranças minhas e de minha mãe. Ela me contou, por exemplo, que na sua infância, quando ia à escola, enrolava os pés em folhas de mamona para protegê-los da terra quente, lembrança que

aproveito no terceiro capítulo do romance. Posso dizer, ainda, que há muito do autor adolescente/jovem na figura de Haruo, que é rebelde e vive um conflito de identidade. E do autor adulto na figura do narrador, que revela com tranquilidade o influxo de duas culturas na sua composição como indivíduo.

**RD – O conflito do personagem Haruo começa no momento em que a professora lhe diz que ele é brasileiro. O pai, Hideo, o censura e lhe diz que é japonês, “nihonjin”. Muitos brasileiros descendentes de japoneses (*nikkei*) afirmam que no Brasil são chamados de japoneses e, no Japão, são tratados como brasileiros (logo, estrangeiros), alguns até se ressentindo de não se acomodarem bem em nenhum dos dois grupos. O *nikkei* seria uma síntese das duas culturas?**

Oscar Nakasato – Exatamente. Em determinado momento da vida, o *nikkei* sente essa angústia do não pertencimento, e o fato de ser chamado de “japonês” sendo “brasileiro” sintetiza esse sentimento. O conflito de identidade por que passa Haruo é experimentado por todos que possuem essa estrutura híbrida, com influências de dois povos tão distintos em costumes. Acredito que esse conflito é superado quando se passa a enxergar a situação de forma positiva, usufruindo os benefícios de uma cultura e de outra. Eu, particularmente, penso que é um privilégio ser um brasileiro descendente de japoneses.

**RD – Como foi escrever sobre a Shindo Renmei e as relações entre *kachigumi* e *makigumi* em um romance?**

Oscar Nakasato – A associação Shindo Renmei e o episódio pós-guerra envolvendo *kachigumi* e *makigumi* foram considerados tabus no seio da colônia nipo-brasileira durante décadas. Antes da minha pesquisa sobre a imigração japonesa, eu não tinha conhecimento sobre essa associação e o conflito sangrento entre o grupo que acreditava que o Japão havia vencido a Segunda Guerra Mundial e o outro que assumia a derrota. Soube do fato pelo livro *Corações sujos*, de Fernando Morais, que me levou a realizar uma pesquisa aprofundada sobre o assunto. Percebi, então, um

rico material a ser explorado ficcionalmente, embora soubesse que falar dessa questão significava tocar em uma ferida que ainda não sei se está cicatrizada.

**RD – Uma das mais belas passagens do livro é a morte de Kimie, primeira esposa de Hideo Inabata. A neve, tão desejada por Kimie, é muito significativa na cultura e na literatura japonesa. Você se inspirou em alguma obra japonesa para escrever esta passagem?**

Oscar Nakasato – Não me inspirei em nenhuma obra, mas nas paisagens japonesas com neve. O inverno no Japão é bastante rigoroso, e a beleza monocromática dos cenários embranquecidos deve ajudar os japoneses a enfrentar o frio. Em Nihonjin, eu cobri os cafezais com neve para trazer um pouco dessa beleza do Japão para o Brasil, para emprestar um pouco de poesia à morte de Kimie.

**RD – Seria apropriado interpretar a obra “Nihonjin” para além do conflito de identidade (identidade cultural, como em Stuart Hall), lendo-a também como tecida no conflito de gerações?**

Oscar Nakasato – A interpretação fica por conta do leitor. As duas leituras são possíveis, mas a primeira possibilidade, creio, é mais rica.

**RD – “Nihonjin” foi seu romance de estreia e vencedor do 1º. Prêmio Benvirá de Literatura em 2011 e do Prêmio Jabuti em 2012. Que conselho(s) ou dica(s) você daria para os aspirantes que desejam escrever seu primeiro romance?**

Oscar Nakasato – Antes de ser escritor, é preciso ser leitor. Assíduo, insistente, obsessivo. A leitura traz maturidade e fornece as ferramentas (vocabulário, técnicas, ideias) necessárias para a escrita, ainda que o interessado as subverta. Há aqueles que se encantam com a ideia de ser escritor e correm para o computador teclar sem ao menos conhecer meia dúzia de bons autores. Será medíocre.